

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## A MONTAGEM DE IMAGENS E A DESPATOLOGIZAÇÃO DA VIDA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DAS INFÂNCIAS

Janaina Gaby Trevisan  
Universidade Federal do Paraná  
janainaggt@gmail.com

### Resumo

Este trabalho constitui parte de pesquisa em andamento, no âmbito de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (PPGGeo/UFPR) e apresenta um exercício metodológico de montagem de imagens, que coloca em diálogo dois arquivos visuais: os registros fotográficos de crianças internadas no Hospital Psiquiátrico Colônia, em Barbacena (MG), e fotografias de crianças autistas em um asilo de Cévennes, na França. Na interlocução entre Georges Didi-Huberman e Fernand Deligny, esta análise tem por intenção refletir sobre a importância da disposição do espaço geográfico na despatologização da vida. Por meio da justaposição vertical das imagens, registradas entre 1960 e 1980, propõe-se tensionar o estado do tempo e dos lugares que acolheram crianças cujas existências foram marcadas por condições específicas de subjetividade, ora anuladas pela condição da loucura, ora legitimadas por suas formas singulares de expressão. As imagens enquanto testemunhos de vida das infâncias revelam, em Barbacena, fragmentos de um espaço de permissividade da violência manicomial, e por outro lado, em Cévennes, registram um cotidiano não institucionalizado que afirma a singularidade da existência das crianças autistas. Ao aproximar esses arquivos visuais, o estudo enseja contribuir com a discussão sobre a potencialidade da disposição do espaço geográfico enquanto demarcador de reivindicação da humanização da vida.

**Palavras Chave:** Montagem de imagens; Infâncias; Despatologização; Espaço geográfico.

### Introdução

O presente texto compõe fragmento do caminho metodológico de pesquisa em andamento, em âmbito de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (PPGGeo/UFPR), que tem como questão central a investigação de políticas públicas e práticas institucionais de segurança alimentar para crianças autistas nos centros municipais de educação infantil do município de Pinhalzinho, oeste de Santa Catarina. Debruçando-se, sobretudo, no arcabouço teórico da Geografia da Saúde, a pesquisa tem como comprometimento ontológico e metodológico o diálogo com os estudos feministas da deficiência e com abordagens despatologizantes e anticapacitistas na ocupação e produção do espaço geográfico.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

A reflexão que aqui se apresenta foi suscitada durante o componente curricular “ESC5760 - Imagem e legibilidade: para abrir os olhos da história”, cursado de forma remota, durante o primeiro semestre de 2025, ministrado pelas professoras doutoras Anelise De Carli e Valéria Cazetta, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). O trabalho foi solicitado como proposta de produção de montagem de arquivos visuais, enquanto critério parcial para aprovação no referido curso. O referente das questões disparadoras que mobilizam a escrita é proveniente da interlocução dos *mínimos gestos*, trabalhados por Fernand Deligny (2015 [1982]), com a proposta de *montagem*, discutida em exercícios de legibilidade de imagens, através do estado do tempo e do estado dos lugares, no pensamento de Georges Didi-Huberman (2018).

Ao trabalhar com crianças autistas não verbais, Deligny (2015 [1982]) identifica manifestações de linguagem que não acontecem pela fala, mas sim, pelos mínimos gestos, sendo estes, de acordo com Miguel (2024), signos não imbuídos de alguma significação dada, mas que servem para situar e dar compasso àquilo que as crianças realizam cotidianamente em seus trajetos cartográficos. Os mínimos gestos, nesse sentido, expressam os tempos das crianças autistas nos espaços em que estas ocupam, sendo seus corpos os próprios vetores de inscrição nas linhas cartográficas delignianas. Importa a Deligny o registro da cartografia dos mínimos gestos pois, segundo ele, “não é tão cedo que a geografia do corpo deixará de ser predominante” (Deligny, 2015 [1982], p. 152). Esse corpo, importando, portanto, à Geografia, assume extensão peninsular com o próprio espaço geográfico.

No pensamento hubermaniano, estar diante dos lugares, pelas imagens, é também um exercício de captura das singularidades, no sentido benjaminiano (Didi-Huberman, 2018). As imagens, segundo Didi-Huberman (2018), permeadas por lugares e tempos, nos ajudam a deslocar o passado para a interpretação do presente a partir do que está capturado, (re)montando o que a narrativa imagética conta, mas que talvez nunca tenha sido dito. A legibilidade de uma imagem não é problemática porque sua visibilidade oculta algo (pois entende-se que tudo é mostrado tal qual), mas é, antes disso, a temporalidade da imagem que é deslocada da

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

experiência trágica que ela registra e que, portanto, torna frágil sua legibilidade: o tempo das imagens, portanto, afeta a significância dos lugares.

Compreendendo, desta forma, que o registro imagético pode ser entendido enquanto uma memória-narrativa política, é factível pensar que as imagens carregam consigo múltiplas percepções, passíveis de serem remontadas dialeticamente quando nos colocamos no exercício de rearmar os olhos diante do que se vê (Didi-Huberman, 2018). A imagem, atravessada por mínimos gestos e singularidades que não se congelam perante a história, traz à baila, demarcadores que constituem narrativas sobre o uso e a conformação de determinados espaços.

Para este texto, as imagens em questão, compõe registros de dois espaços geográficos distintos, frequentados por crianças que apresentavam, em maior ou menor medida, subjetividades em suas condições de vida. Um desses lugares refere-se ao Hospital Psiquiátrico Colônia, localizado no município de Barbacena (MG), instituição clínica que manteve suas atividades entre os anos de 1903 a 1980 e que condenou violentamente, à patologização da vida, milhares de pessoas – entre elas, crianças – sob tratamentos terapêuticos que violavam o direito da existência. O outro lugar diz respeito a um asilo em Cévennes, região rural no sul da França, espaço onde Deligny abrigou sujeitos considerados inaptos para o convívio em sociedade, entre os anos de 1967 até o ano de sua morte, em 1996. Entre esses sujeitos estavam as crianças autistas, que, superando a lógica da patologização e da institucionalização, tiveram afirmado seu direito de existir.

Embora coexistindo em tempos similares, tais lugares apresentavam contrastes significativos na disposição dos elementos espaciais que recebiam as crianças. Na leitura deligniana, o espaço assume condição ativa na humanização das crianças, uma vez que, de acordo com Miguel (2024, p. 11) “não se trata mais de pensar a inaptidão geral ao movimento, mas sua aptidão a outros movimentos. Para tal, se torna necessário inventar espaços, novos meios para que esse corpo possa experimentar, se desenvolver, se deslocar, saltar ao seu modo”. A ordenação espacial, ante a característica clínica, portanto, tem papel central no processo terapêutico que é territorializado em cada lugar. Desse modo, com as lentes de Deligny,

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

desloca-se a ênfase do sujeito patologizado para a criação de espaços geográficos que possam operar para a potencialidade das subjetividades de vida das crianças (Miguel, 2024).

Ao convocar as imagens enquanto “testemunhos” (Didi-Huberman, 2018) das vivências das crianças em ambos os lugares supramencionados, e, pensando geograficamente em acordo com a pesquisa que está sendo construída, apresenta-se uma tentativa de montagem de imagens, que busca sensibilizar o olhar sobre a importância dos elementos espaciais para a despatologização das condições de existência das crianças.

## Às imagens

### i. Arquivo: imagens do Hospital Psiquiátrico Colônia (Barbacena/MG) (1960-1980)

#### FOTOGRAFIA 01



Fonte: Luiz Alfredo (1961) disponível em Daniela Arbex (2013)

**FOTOGRAFIA 02**



Fonte: Luiz Alfredo (1961)

**FOTOGRAFIA 03**



Fonte: Luiz Alfredo (1961)

**FOTOGRAFIA 4**



Fonte: Foto (s/d) cedida por Jairo Toledo, disponível em Daniela Arbex (2013)

**FOTOGRAFIA 5**



Fonte: Foto de 1979, cedida por Napoleão Xavier Gontijo Coelho, em Daniela Arbex (2013)

ii. Arquivo: imagens do asilo em Cévennes (França) (1969)

FOTOGRAFIA 6



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

FOTOGRAFIA 7



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

**FOTOGRAFIA 8**



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

**FOTOGRAFIA 9**



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

FOTOGRAFIA 10



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

FOTOGRAFIA 11



Fonte: Deligny (2015 [1982]). Fotografia de 1969.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

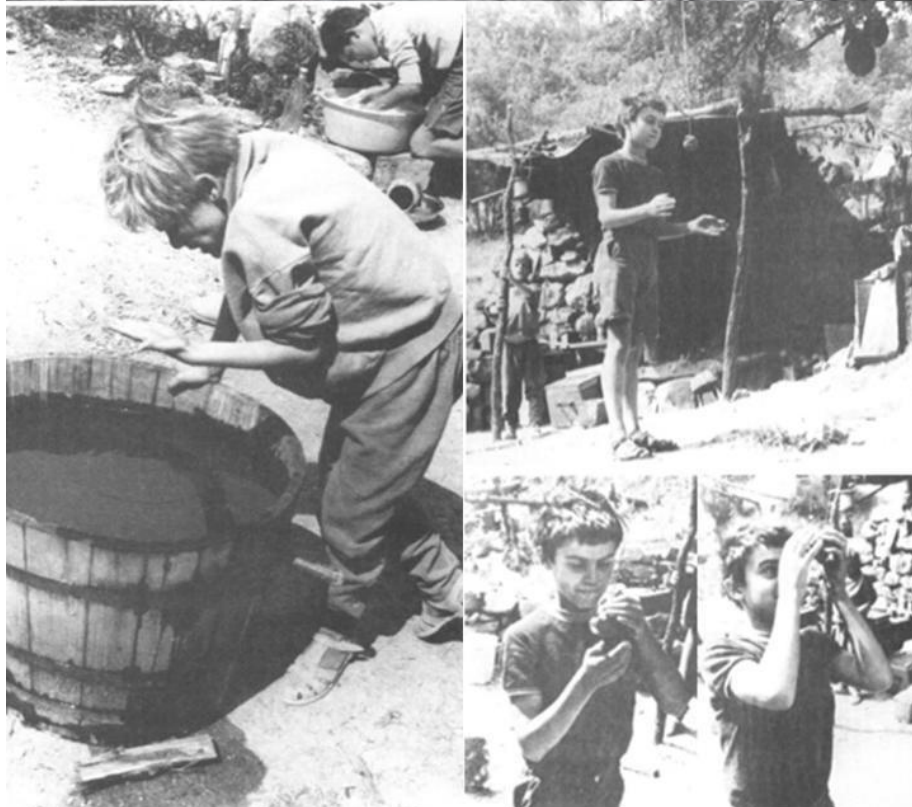
### iii. Montagem dos arquivos visuais



VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS









VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## Às análises

O exercício metodológico apresentado, ao organizar a montagem da narrativa das imagens em justaposição vertical, tem por intuito armar os olhos (Didi-Huberman, 2018) para a leitura geográfica, tanto dos espaços físicos, quanto dos corpos das crianças, expostos às condições que cada lugar apresenta, na tentativa de tensionar para a importância da instalação do espaço geográfico (Miguel, 2024) na produção das subjetividades.

Quando do fechamento de suas portas, em 1979, o Hospital Psiquiátrico Colônia, que foi comparado pelo psiquiatra italiano Franco Basaglia a um campo de concentração nazista (Arbex, 2013), contabilizava aproximadamente 60.000 mortes, conflagrando no lugar uma verdadeira barbárie a céu aberto. O hospital representou, durante seu tempo de funcionamento, o máximo da expressão da desumanidade, diante da exposição dos sujeitos a situações de extrema hostilidade emocional, física, psicológica e moral.

As pessoas que chegavam até o hospital eram, naquele espaço, depositadas, escondidas da sociedade, consideradas loucas, doentes, incuráveis. Entre esses sujeitos, para este exercício, destacaram-se as crianças, abandonadas à mercê da própria sobrevivência, conforme visualizado nas imagens, que careciam de dignidade, atendimento psiquiátrico humanizado e elementos de uma atenção em saúde acolhedora. As imagens revelam, nas expressões das crianças, a indiferença, a apatia e a violência sob as quais eram submetidas diariamente. O Hospital Colônia é um espaço que, diante do tempo, após ter suas portas fechadas, transformou-se no que hoje é conhecido por “Museu da Loucura”. Embora esteja localizado na história brasileira enquanto um dos lugares que reproduziu um dos maiores espetáculos do horror, atualmente, o espaço do antigo hospital, protagoniza importantes reivindicações articuladas ao movimento de Reforma Psiquiátrica e a luta antimanicomial.

Já os registros fotográficos de Cévennes, revelam o espaço geográfico enquanto propulsor da produção da subjetividade das crianças autistas, denominadas por Deligny (2015 [1982]) de *aracnianas*, pois, segundo o autor, eram crianças que construíam diariamente o tecer de uma teia, de uma rede, conformada por seus próprios movimentos, que produziam espécie

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

de cartografias, de percursos espontâneos sem finalidade utilitarista de vida, superando o “projeto pensado”, concebido, segundo Deligny (2015 [1982]), como o conjunto de práticas normalizantes, que ditavam aquilo que era tido como comportamento desejado/esperado socialmente.

As crianças autistas, com seus mínimos gestos estendidos ao espaço geográfico, ao traçar os fios da teia, constituíam as “linhas de errância” (Deligny, 2015 [1982]), entendidas como subversivas em um mundo historicamente construído por padrões de “normalidades” que exclui de suas projeções os comportamentos que “fogem a regra”, considerados anormais. Foi pela prática dos trajetos errantes que as crianças autistas revelaram caminhos para uma vida que não se integra a lógica da captura patológica, da violência e da estigmatização da loucura e/ou da doença e que conflui, isto sim, na afirmação subjetiva com/pelo espaço geográfico.

As imagens do Hospital Psiquiátrico Colônia, pensando com Didi-Huberman (2018) supõem uma dupla afetação: por um lado os registros fotográficos nos paralisam pela visibilidade diante do horror, mas, por outro, nos convocam ao início de um movimento ético e político que, justamente por denunciar a legibilidade da desumanidade, reivindicam nosso compromisso ontológico com a vida em um lugar onde se espera pela morte. Colônia é um hospital marcado pelo estado do lugar do controle e da contenção, pela patologização e estigmatização da loucura e que, pelo estado do tempo, ancorou-se na anulação diária da subjetividade em detrimento de corpos, incluindo aqui as crianças, que funcionavam sempre em ritmos extremos: fervorosos – quando submetidos às violências das terapias, tal qual tratamento de choque ou apáticos – quando sob efeito químico de fármacos.

Na (i)legibilidade da história, a temporalidade das imagens dá espaço ao discurso que tenta justificar a barbárie no Hospital Psiquiátrico Colônia em razão de ter acontecido em um tempo remoto, onde o atendimento humanizado ainda não compunha questão de política pública de saúde e o estado do sofrimento mental não era assegurado como direito humano. O estado do lugar de Colônia, por outro lado, dá espaço para legibilidade da resistência, garantindo que o horror seja preservado, a exemplo da memória inscrita no Museu do Amanhã,

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

para que não se esqueça – e não se repita – a desumanização de sujeitos em atendimento psiquiátrico, validada por um espaço geográfico que se organizava enquanto prisão da vida.

Já em Cévennes encontramos o estado do lugar enquanto campo de inscrição de gestos de crianças autistas que são humanizadas no tempo da errância. O encontro de Deligny com essas crianças, do mesmo modo, acontece pela expulsão das mesmas da sociedade, visto que eram consideradas inaptas, sob a lógica normalizante, para o convívio humano. Deligny, no entanto, ao esvaziar o sentido institucional em Cévennes, possibilita às crianças autistas a inserção em um cotidiano da presença, do estar junto, aprendendo no tempo suspenso da vida. Os mínimos gestos e as singularidades de Cévennes, captadas nas imagens do espaço fotografado, suscitam pensar esta categoria geográfica enquanto um dos elementos centrais na despatologização da vida, através de instalações que protagonizam a subjetividade e não a narrativa da anomalia.

## **Conclusões**

Ainda que Cévennes esteja a uma distância oceânica do território brasileiro, menos de uma década separa as fotografias apresentadas na tentativa de montagem que fora produzida. Ao colocar em encontro dois registros visuais distintos, a montagem proposta não tem ou teve por intencionalidade situar as crianças, seus espaços e seus tempos da história em valores de comparação – pois nenhum tipo de sofrimento, nestas condições, é justificável. Do contrário, propôs uma tentativa de friccionar, no presente, os campos de leitura onde cada imagem se insere desde o passado, abrindo a possibilidade de narrativas, através das justaposições, que tensionam o olhar para as infâncias – sobretudo aquelas patologizadas pelo poder hegemônico da normalidade. Esse movimento metodológico foi viabilizado, sobretudo, pelo o que apresenta o pensamento hubermaniano: é no encontro entre o agora e os fragmentos do passado que algo se acende. Certos pontos de memória tornam-se legíveis justamente porque ferem a tradição, provocam um mal-estar e nos chamam a reler o que parecia já compreendido. Assim, o conhecimento histórico não é dado, mas construído a partir desse atrito entre os tempos.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Nos registros fotográficos sobre Colônia, o sintoma da dor é perene em todas as imagens das crianças e é essa reminiscência, da barbárie manicomial, que reivindica os registros que foram apresentados. Em contrapartida, diante das crianças autistas de Cévennes, a ausência de expressões convoca evidenciar nas/com as imagens os mínimos gestos que conformam a legibilidade das vivências errantes das crianças no referido espaço.

Na montagem, essas oposições suscitam pensar a distância testemunhal na produção da legibilidade da montagem, sublinhando a perspectiva dialética expressa no pensamento benjaminiano. Portanto, colocar as imagens escolhidas em/para o exercício de montagem, criou atritos que produziram o confronto dos espaços e dos tempos de vivências de crianças que são lidas a partir de um mesmo ponto subjetivo de existência, mas que, diante da história, ocupam lugares e temporalidades opostos: de um lado a tragédia mortífera de crianças no hospital-prisão, e, do outro, a aposta na livre capilaridade espacial da errância.

## REFERÊNCIAS

ALFREDO, Luiz. *Testemunha ocular*. [fotografia digital]. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Manicômio Nunca Mais*. [S. l.]: IMS, [s.d.]. Disponível em: <https://testemunhaocular.ims.com.br/convidados/luis-alfredo/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015 [1982].

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido*. O olho da história, II. Trad. Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MIGUEL, Marlon. *Fernand Deligny e as ecologias do humano*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2024.